

NELSON - UMA PERSONAGEM SÍNTESE DA REPRESENTAÇÃO IRÔNICA DE DECADÊNCIA EM *MALHADINHA*, DE JOSÉ EXPEDITO RÊGO

Elimar de Barbosa de Barros¹

RESUMO

O enredo do romance *Malhadinha*, do escritor piauiense José Expedito Rêgo, é perpassado pela temática de decadência: do espaço, da vida sociocultural e, conseqüentemente, dos seres. Este artigo, iluminado pela concepção de *mimesis da representação* e pelo estudo da *personagem no romance*, objetiva analisar pontos significativos da trajetória da personagem Nelson, na construção da narrativa de *Malhadinha*. Nessa perspectiva, pretende-se demonstrar que um dos pontos altos do romance em estudo diz respeito à maneira como as ações desse ser ficcional estão imbricadas com a representação irônica de um sistema social em decadência que constitui a chave de leitura dessa obra piauiense. O percurso metodológico de caráter bibliográfico desta análise fundamenta-se, dentre outros, nos pressupostos teóricos de: Costa Lima (2014), Candido (2011), Rosenfeld (2011), Forster (1998), Brait (2008), Bakhtin (2011).

Palavras-chave: *Mimesis*, decadência, ironia, *Malhadinha*, Nelson.

ABSTRACT

The plot of the novel *Malhadinha*, by the piauiense writer José Expedito Rêgo, is permeated by the theme of decadence: of space, of sociocultural life and, consequently, of beings. This article, illuminated by the conception of mimesis of representation and the study of the character in the novel, aims to analyze significant points of Nelson's trajectory in the construction of *Malhadinha's* narrative. In this perspective, it is tried to demonstrate that one of the highlights of the novel in study relates to the way in which the actions of this fictional being are intertwined with the ironic representation of a decadent social system that constitutes the key of reading of this piauiense work. The methodological course of bibliographical character of this analysis is based, among others, on the theoretical assumptions of: Costa Lima (2014), Candido (2011), Rosenfeld (2011), Forster (1998), Brait (2008), Bakhtin (2011).

Keywords: *Mimesis*, decadence, irony, *Malhadinha*, Nelson.

¹ Professora Mestra em Letras pelo Programa de Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual do Piauí – UESPI; especialista em Língua Portuguesa e Literatura – MONTENEGRO; especialista em Gestão Escolar pelo Instituto Antonino Freira. Professora efetiva da SEDUC – PI; coordenadora da área de Letras do Instituto Barros de Ensino - IBENS; professora do quadro provisório da UESPI - Campus Professor Possidônio Queiroz. E-mail: elimar.barros@hotmail.com.

1 Introdução

“A personagem é um ser fictício responsável pelo desempenho do enredo; em outras palavras, é quem faz a ação. Por mais real que pareça, a personagem é sempre invenção [...]” (GANCHO, 2006, p.17). A importância dada à personagem em narrativas ficcionais encontra terreno fértil já em Aristóteles. Pois, em harmonia com Costa Lima (2014, p. 52), em sua Poética, o Estagirita “identificara a *mimesis* com a presença de ‘personagens em ação’”.

A obra literária, sem se confundir com a verdade, através da verossimilhança, mantém com ela uma ligação: o ponto de partida. “O artista não repete o mundo mas tampouco necessariamente o repele”. (COSTA LIMA, 2014, p. 55). Desse modo, sabendo da presença do verossímil na literatura e de como é fundamental que a personagem participe efetivamente do enredo, este estudo dedica um olhar atencioso sobre as ações da personagem Nelson, para que se possa perceber como esta, agindo (ou não), falando (ou não), participa do processo de *mimesis* no romance *Malhadinha*, contribuindo expressivamente para manter a coerência do enredo cuja tônica se desenvolve sob a representação irônica de um sistema social em decadência.

Segundo Candido (2011, p. 54), a personagem “vive o enredo e as ideias e os torna vivos”. Segundo o mesmo Candido (2011), a personagem é o ser essencial do romance, é ela quem dá vida ao que se narra, por ser um elemento atuante e comunicativo, mas isso não acontece de forma independente em relação a outros elementos do texto, pois é no contexto que a personagem adquire significado pleno. Assim, a compreensão do romance está diretamente ligada à aceitação ou não da verdade da personagem por parte do leitor.

O enredo de *Malhadinha* é composto por diversas histórias que se inter-relacionam para discutir uma temática maior: a decadência sociocultural da sociedade em que a obra é ambientada, mais especificamente da cidade de Oeiras Piauí. Na obra, um dos motivos que movimentam o declínio do mundo representado é a perda do *status* de capital. O romance vai se tornando vivo junto com o surgimento das personagens as quais se põem a discutir as ideias e, com isso, fazem surgir as histórias. No dizer de Forster (1998, p. 43), a questão aqui não é perguntar o “que aconteceu depois, mas sim, a quem aconteceu.”.

Justamente porque existem muitos núcleos narrativos em *Malhadinha*, nessa obra não há um protagonista, existem várias personagens que protagonizam o núcleo da respectiva trama que constroem. A seu modo, cada uma delas contém um elo com a temática central de decadência da cidade que, embora faça referência a um fato da história do Piauí: a transferência da Capital de Oeiras para Teresina, vale lembrar que se trata de uma narrativa ficcional, pois com Costa Lima (1995) entende-se que:

A verossimilhança, i.e., o efeito primário da *mimesis*, quase nunca é igual para o criador e os diversos receptores. A obra não é recebida a partir da refeitura do quadro de verossimilhança que existiu para o autor mas sim na medida em que permite a alocação doutra verossimilhança (COSTA LIMA, 1995, p. 307).

Nessa perspectiva, não se trata de investigar ‘a verdadeira’ intenção do autor José Expedito Rêgo quando se fizer alusão a componentes cujo referente é identificável na realidade histórica, pois se a “verossimilhança quase nunca é igual para autor e receptores”, colocar em discussão a intenção do autor seria uma tarefa estéril a que essa pesquisa não se destina. Aqui não se pretende fixar o olhar para o referente externo de forma isolada, ao contrário, visa-se perceber sua representatividade, no contexto enunciativo, procurando identificar a função desse referente em relação às histórias vividas pelas personagens no mundo ficcional.

Pela impossibilidade de destacar neste estudo os vários seres que formam o enredo de *Malhadinha*, faz-se um recorte para observar o itinerário de vida de uma das personagens que mais significativamente manifestam-se em diálogo constante com a representação irônica de um sistema social em decadência que atravessa a tessitura de *Malhadinha* pelo processo de *mimesis* da representação.

Ademais, observa-se que pelo viés da *mimesis* é possível identificar situações em que o narrador de *Malhadinha* abdica da imparcialidade e comunga das ideias discutidas por algumas personagens. Nesse ponto, é notável o destaque que recebe, dentre outras, a personagem Nelson na descrição do narrador. Por isso, se o romancista cria as personagens, imagina como elas são, “determina-lhes gestos plausíveis e as faz falar por meio de aspas e talvez comportarem-se consistentemente.” (FORSTER, 1998, p. 43-44), nesta análise convém atentar para as falas de Nelson; ouvi-las com critério e ver no diálogo que estabelecem com o narrador, ou entre aspas de suas próprias palavras, o que elas têm a dizer sobre a decadência de um sistema social em *Malhadinha*.

2 Nelson - Um olhar sobre o declínio da cidade²

A entrada da personagem Nelson no romance *Malhadinha* se dá nas primeiras páginas do primeiro capítulo, quando o narrador, compartilhando das lembranças de Hélio, aponta para o lugar onde ficava o ‘imbuzeiro’ da Rosa. A partir daí recorda o dia em que Hélio encontrou a irmã cantando à noite no meio da mata; fala da demência de Rosa, depois que o filho nasceu morto e, então, apresenta Nelson sob o olhar de delírios da esposa:

O marido, médico, dizia ser demência precoce. Não tinha jeito. Passava uns tempos quase boa, em seguida piorava, dava para falar só, gritava, teimava que havia gente querendo matá-la, corria para o mato. Depois melhorava, conversava direito. Não quis mais saber do marido, o Nelson. Achava que a doença fora consequência do parto. De natural tão recatada e cheia de pudor, na crise mudava por completo. Xingava nomes feios, dizia que o marido virara o demônio, um bode chifrudo querendo forçá-la. Mãe Sinhá é que estava certa, afirmava: todo filho nasce de pecado! O marido queria montar nela à força feito um cão rabudo. (EXPEDITO RÊGO, 1990, p. 11).

² Esta análise integra minha dissertação de mestrado, cujo título é “*Mimesis em Malhadinha*, de José Expedito Rêgo: representação irônica de um sistema social em decadência”, apresentada ao programa de Mestrado Acadêmico em Letras da UESPI em 2016, sob a orientação do professor Dr. Wanderson Lima Torres.

“As personagens criadas se desligam do processo que as criou e começam a levar uma vida autônoma no mundo.” (BAKHTIN, 2011, p. 06). Nelson é uma personagem que surge assim, aparentemente de forma tímida, nos delírios de uma mulher demente. Mas à medida que vai ganhando corpo, ela cresce e perpassa praticamente todo o romance, envolvendo o leitor, no dizer de Forster (1998) tanto pela história - pois se quer saber o que lhe aconteceu depois, como pelo enredo - pois também se é envolvido pela descoberta da causa - por que as coisas lhe aconteceram ou não lhe aconteceram? Observando esse trecho, compreende-se que Nelson entra na narrativa junto com um sinal do que viria a ser sua vida, pois nessa apresentação está entrelaçado o motivo, supostamente, principal de seus conflitos.

Um Nelson adulto em uma vida complicada é colocado diante do leitor antes de ele entrar em contato com o Nelson - jovem da Malhadinha que enfrentara dias de viagens em estradas e transportes difíceis, que morara por anos longe da família em outro estado, enfrentando toda sorte de sacrifícios e dificuldades da época, como a precariedade dos meios de comunicação e locomoção, tudo em busca de formação acadêmica, sonhando com uma perspectiva de vida melhor; isto é, antes de o leitor conhecer Nelson - jovem cheio de vigor e sonhos, a ele é apresentado Nelson numa situação visivelmente difícil.

Pelas poucas palavras do trecho citado, o leitor identifica em Nelson: um homem formado, médico, casado com uma mulher que enlouquecera, não quer mais saber dele, mas ele permanece na relação, cuidando da esposa. Até então, não é dito nada sobre os sentimentos de Nelson em relação à situação em que vive, porém fica claro que não é uma situação fácil, basta ver como a mulher o enxerga (“o marido virara o demônio, um bode chifrudo querendo forçá-la”). O narrador se apropria do delírio de Rosa, para sinalizar o que será a vida de Nelson. Sobre a relação autor personagem, Bakhtin diz:

O autor não só enxerga e conhece tudo o que cada personagem em particular e todas as personagens juntas enxergam e conhecem, como enxerga e conhece mais que elas, e ademais enxerga e conhece algo que por princípio é inacessível a elas, e nesse *excedente* de visão e conhecimento do autor, sempre determinado e estável em relação a cada personagem, é que se encontram todos os elementos do acabamento do todo, quer das personagens, quer do acontecimento conjunto de suas vidas, isto é, do todo da obra. (BAKHTIN, 2011, p. 11).

Pela entrada de Nelson no enredo, o narrador praticamente apresenta em síntese parte dos dramas que ele ainda irá viver. Ele se tornará médico, casar-se-á com Rosa, e lembrando que a sociedade é patriarcal, viverá preso ao compromisso que fez com a família, vendo-se obrigado a se manter ligado a uma mulher que nem mesmo o reconhece mais. Ou seja, pela capacidade desse *excedente de visão*, em *Malhadinha*, tem-se um narrador que conhece tudo de suas personagens, assim ele introduz Nelson no texto, em tempo não cronológico, já se referindo à situação futura em que a personagem se encontrava sem rumo, morando na Malhadinha mesmo depois “do sacrifício para a formatura em medicina. Depois, o casamento com Rosa, a residência em Oeiras, a doideira da mulher e ele *desnortado na vida*.” (EXPEDITO RÊGO, 1990, p. 18, grifo nosso).

Só à página seguinte a que Nelson aparece nos delírios de Rosa e depois de descrever outros momentos de crise da mulher, é que o narrador volta ao passado e conta sobre a alegria do casamento. Nesse instante, o enredo caminha para a cidade: “O casamento de Rosa e Nelson celebrou-se no meio de tanta alegria! A família toda reunida em Oeiras. O noivo recém-formado em medicina na escola do Rio de Janeiro. A Igreja Matriz cheia de gente, na tarde morna de maio.” (EXPEDITO RÊGO, 1990, p. 12).

Quando se conhece o desenrolar da história, não há como negar a presença de ironia na expressão “tanta alegria!”. Em nenhum momento, o narrador se compromete com essa aparente felicidade; primeiro, ele não diz que Nelson estava alegre, que a felicidade era dele ou mesmo da noiva, ou seja, a expressão surge de maneira muito genérica; segundo, depois de toda a descrição da festa pela voz do narrador, ele anuncia: “Hélio lembrava com tristeza passagens alegres das vidas da irmã e do cunhado”. (EXPEDITO RÊGO, 1990, p. 12). Isto é, quem viu alegria naquele casamento foi Hélio (irmão de Rosa), pois o narrador, tendo conhecimento de tudo da personagem, sabia que Nelson já não estava tão empolgado para o enlace, inclusive, ele (o narrador) demonstra que até Rosa o sabia:

“Seu relacionamento com Rosa, nos poucos dias de fazenda, tinha sido formal. Acostumado à vida na grande cidade, sentia pouco entusiasmo no casamento *fabricado* pela família. A moça notou a frieza do noivo e usou franqueza, ao dar-lhe inteira liberdade de romper o noivado. Nelson sorria. O rompimento causaria desgosto profundo à família.” (EXPEDITO RÊGO, 1990, p. 19, grifo nosso).

Nota-se que o narrador fala de um momento em que Nelson volta pela segunda vez à casa dos pais, no tempo de faculdade. Pelas expressões “casamento fabricado” e “o rompimento causaria desgosto à família”, fica evidente que o casamento de Nelson é muito mais um negócio fruto do sistema patriarcal em que vive do que uma escolha dos noivos. Como se percebe, os costumes estão, de tal modo, impregnados nos seres que estes, ainda se tivessem abertura (‘a moça usou franqueza, e deu liberdade para o rompimento’), não conseguiriam desligar-se deles. É claro, porém, que o narrador usa de ironia, para dizer o oposto do escrito, quando se refere à liberdade dada pela moça, pois naquele sistema não seria ela a pessoa mais indicada para libertar o noivo do compromisso estabelecido.

Qualquer que seja a dimensão da ironia – frasal ou textual -, desencadeia-se um jogo entre o que o enunciador diz e o que a enunciação faz dizer, com objetivos de desmascarar ou subverter valores, processo que necessariamente conta com formas de envolvimento do leitor, ouvinte ou espectador. (BRAIT, 2008, p. 140).

Ao dizer: “Nelson sorria.”, inserido no contexto, o narrador coloca o leitor diante desse jogo. Há um duplo sentido irônico, porque é possível acreditar que a personagem sorri da ingenuidade da moça, pois ele certamente sabia que ela não tinha poder para desfazer o compromisso; como também se pode compreender este como um sorriso sarcástico, frente

à sua situação de impotência para a qual provavelmente ele não gostaria de sorrir naquele momento: “sentia pouco entusiasmo”. Ademais quando o narrador demonstra que Nelson não rompe com o noivado para evitar profundo desgosto à família, por trás desse motivo simples, e até romântico, está embutida a crítica ao sistema. Não é à família que Nelson obedece, mas ao sistema patriarcal que incutiu nele a necessidade de uma hombridade forçada, de uma postura “nobre e correta” em nome da qual se abdica do próprio desejo, dos projetos de vida, para não fazer feio perante a sociedade, pois a tristeza profunda da família na verdade corresponde ao vexame que esta sentiria diante da sociedade.

Com isso, observa-se que a narrativa não se preocupa em ser linear e primeiro apresentar Nelson na juventude e o descrever seguindo as etapas da vida, porque sua entrada no romance pelos delírios de Rosa apresenta-se como estratégia para revelar de imediato, mas implicitamente, que não é de um Nelson feliz que o narrador quer falar, mas de uma personagem que carrega consigo os pesos do sistema social em que foi criado. Na descrição de “tanta alegria!”, no casamento de Nelson, o narrador diz que a tarde *era morna*, e morna é a vida dessa personagem em todo o enredo. Nelson é um homem que discorda veementemente dos costumes sociais e políticos, mas não age com força ou ânimo para mudar sua realidade.

Para haver ironia há necessariamente a opacificação do discurso, ou seja, um enunciador produz um enunciado de tal forma a chamar a atenção não apenas para o que está dito, mas para a maneira de dizer e para as contradições existentes entre as duas dimensões. (BRAIT, 2008. p. 140).

Nelson é a representação de uma personagem que abre mão dos próprios desejos, ou sequer dá atenção para estes, em nome de um compromisso feito com a família, para não contrariar os tios; não é difícil encontrar semelhança entre o comportamento dessa personagem e o mundo patriarcal exterior. Diz-se, no entanto, que a atitude obediente da personagem é ao sistema porque, no romance, sua família é a representação verossímil de uma família patriarcal, ou seja, é através dela que a voz do sistema social patriarcalista entra no texto.

Costa Lima ao se dedicar ao estudo da *mímesis* procura reafirma que o fenômeno da *mímesis* “[...] supõe a combinação de dois fatores: semelhança e diferença quanto a um referente; que no caso da *mímesis* poética, em oposição ao que sucede na *mímesis* do cotidiano, a diferença é o vetor que domina a semelhança.” (COSTA LIMA, 2010, p. 128).

Perdera de fato o amor por Rosa. Casou para satisfazer as mudas injunções familiares. Recusou ao tio Noé e à tia Sinhá a desfeita de desmanchar o noivado e obteve o resultado: a esposa louca, ele desocupado. Tentaria a volta a Oeiras, abriria um consultório, e talvez pusesse em funcionamento o velho hospital abandonado. (EXPEDITO RÊGO, 1990, p.48).

A partir de Costa Lima (2010) supracitado e desse excerto de *Malhadinha*, verifica-se que o narrador não se contenta em apenas representar o sistema e a obediência a ele, mas traz para o texto a insatisfação daqueles que, como Nelson, experienciaram outra realidade e

reconheciam o atraso da vida na sua realidade social; isto é, o texto demonstra que mesmo sem resistir às contrariedades do sistema, a personagem é consciente de seus abusos. O narrador fala em ‘mudas injunções familiares’, mas o leitor, pelo conjunto da obra, sabe que o texto grita, não contra uma família, mas contra um sistema social inteiro. Assim, o fator diferenciador – que Costa Lima defende ser a base da mimesis em arte, mesmo na *mimesis* da representação onde a semelhança é mais evidente do que na *mimesis* da produção – vai surgido em *Malhadinha* como forma de crítica ao que ali se representa.

A maior parte do enredo de *Malhadinha* tem espaço dividido entre a fazenda Malhadinha e a cidade de Oeiras. Cabe, pois, salientar que o enredo migra para a cidade, no instante em que Nelson é introduzido nele. Esta é a personagem que primeiro sai da fazenda em busca de novos horizontes. Nelson se formou em medicina no Rio de Janeiro, mas não é descrita nenhuma situação muito significativa para o todo do romance durante os anos em que esteve por lá. Diferentemente do que ocorre com Sérgio (seu irmão) que atua em muitas cenas passadas durante sua estada no Maranhão e em Coimbra. Acredita-se que nada é dito sobre os anos de Nelson no Rio de Janeiro, porque o que interessa à narrativa é ambientar Nelson em Oeiras, para demonstrar a relação entre o declínio da cidade e o estado de espírito (de desânimo) em que vive a personagem.

A identificação do *vetor semelhança* no enredo de *Malhadinha* no que se refere à cidade de Oeiras é facilmente identificável. No contexto enunciativo do romance, encontra-se a imagem de uma cidade que entrou em declínio após a transferência da capital. Esse aspecto aparece diversas vezes no enredo de forma explícita: “Exercer medicina em Oeiras não prometia futuro. O velho hospital se encontrava imprestável. A última restauração, feita por Polidoro Burlamaqui, em 64, foi de pouco proveito. Com a mudança da capital, Oeiras entraria em declínio.” (EXPEDITO RÊGO, 1990, p.19). Frequentemente, junto à descrição de uma cidade em decadência, percebe-se o declínio social e a falta de perspectiva de vida da personagem Nelson, como se observa no excerto:

O hospital de Oeiras não tinha a menor possibilidade de reativação. O governo provincial, sediado em Teresina, estava sem recursos financeiros para manter em funcionamento a velha casa de saúde, tão pouco deles dispunha o município decadente.

Nelson compreendeu que a abertura do consultório era ideia fora de cogitação. O povo, habituado, desde o tempo do Dr. José Sérvio, aos chamados a domicílio, recusaria a procura de médico fora do lar. O tratamento, mesmo longo, seria em visitas domésticas. (EXPEDITO RÊGO, 1990, p. 52).

Vale destacar que Nelson teria oportunidade de construir carreira no Rio de Janeiro, mas fica subentendido que ele não se dedicou a esse projeto porque a mãe de Rosa, Maria Ferreira (D. Sinhá), reprovava a ideia, conforme nota-se no trecho: “Pretendia casar-se e residir no Rio. Tinha promessas de bons empregos com os políticos. D. Sinhá, entretanto, desmanchava-se em pranto, toda vez que o genro falava no assunto, pois queria todos reunidos em Oeiras, no Barreiro.” (EXPEDITO RÊGO, 1990, p.19). E foi em Oeiras que a vida de Nelson, tal qual a

vida da cidade entra em declínio. A citação seguinte é significativa para demonstrar o processo pelo qual Nelson caminhou em direção ao estado de decadência social e moral:

Os dois anos ou pouco mais de morada no Barreiro tiveram felicidade na aparência. *Nelson enchia-se de tédio, no sem-que-fazer da vida interiorana. Passara a viver às custas do sogro, não tinha emprego, não apareciam doentes.* Uma vez ou outra chegava um parente queixando-se de distúrbio gastrointestinal ou de resfriado. Pela manhã, atendia indigentes, mesmo na varanda, velhos escravos alforriados pelos donos porque não serviam mais para trabalhar. [...] Montava então a cavalo e ia à cidade visitar os amigos. [...]

Deu para beber, talvez em demasia. Juntava-se com alguns amigos num quatinho reservado, em casa do Benedito Miúdo no Condado. Tomavam conhaques, comiam linguiça frita e jogavam cartas ou dados. *Muitas vezes, não voltava em casa para almoçar nem jantar,* entrava pela noite, chegava ao Barreiro de madrugada. Rosa esperava sempre, acordada, os olhos vermelhos de chorar. Ele se deitava sem comentários, sem justificativa, sem carinho.

De manhã, D. Sinhá reclamava contra o procedimento do pai de família, a mulher grávida necessitada do apoio e da assistência do marido. Reprimendas feitas no café da manhã. Rosa abaixava a cabeça envergonhada. Noé, contrariado, desaprovava os modos do genro, mas não aceitava as censuras da esposa, assim na vista de todos, inclusive dos criados.

D. Sinhá agia, porém, da maneira que entendia. *Nelson ouvia, tomava o café às pressas, ou atendia os indigentes. Montava a cavalo e seguia para a casa de Benedito Miúdo, na vidinha de sempre.* [...]. (EXPEDITO RÊGO, 1990, p.19-20, grifo nosso).

Repara-se que a felicidade de Nelson, nos anos em que a família morou em Oeiras era *aparente*, pois desde o início do casamento já não havia a felicidade da escolha de casar-se por amor. “Conservava amizade à Rosa, sem o fogo juvenil antigo”. (EXPEDITO RÊGO, 1990, p.19). Vê-se que o comportamento moral de Nelson começa a decair, no *sem que fazer* da cidade. Passa a depender do sogro, sai para beber, fumar, não volta para casa, torna-se, pois, um homem irresponsável e repreendido pela sogra – a voz que mais reproduz o discurso patriarcal no romance. A consequência do casamento é o regresso de Nelson com a família para a Malhadinha: “Na época, estavam todos em Oeiras depois do casamento de Nelson. A seca e o fracasso da união conjugal determinaram o retorno à fazenda.” (EXPEDITO RÊGO, 1990, p. 32). Na fazenda, Nelson fica ainda mais desolado e triste, vivendo rotineiramente a situação descrita no primeiro momento em que ele aparece no romance. Num diálogo entre o pai e o tio de Nelson, isso fica explícito.

– Tenho pensado muito é no pobre do Nelson. Parece que ele tem vontade de ir embora, mas receia que tu e Sinhá levem a mal ele deixar a Rosa aí só...

– Que é isso, seu Pedro? Nós compreendemos perfeitamente. Ele é um rapaz novo, tem que cuidar da vida, da profissão. Não é de ficar o resto da vida preso a uma pobre doida, que não tem mais jeito. É uma pena, mas Deus quis assim...

– Ele é calado, não conversa comigo, fica só lendo... Já perguntei o que ele vai fazer da vida, diz que não sabe, que talvez volte para Oeiras, monte um consultório. Parece que ele tem vontade de ir para mais longe, mas não tem coragem de deixar a gente aqui com a Rosa. (EXPEDITO RÊGO, 1990, p.32).

Nesta pesquisa tem-se defendido a ideia de que o enfoque principal do romance é a temática de decadência. A partir do trecho citado, pode-se, afirmar que até o diálogo entre ‘as pessoas’ de *Malhadinha* é restrito. Nelson não ficou sabendo dessa conversa entre o pai e o tio, ou seja, ele nunca ouviu a opinião dos pais de Rosa sobre a possibilidade de ele separar-se dela e tentar vida de outra forma. Sutilmente, Nelson é uma personagem praticamente conduzida pelas vontades de Maria Ferreira, ressalta-se que esta normalmente reproduz normas e condutas do sistema patriarcalista. Assim, agindo conforme o esperado, Nelson ficou muito tempo na Fazenda cuidando da esposa, sem ânimo nem para voltar para a cidade de Oeiras, tampouco ir mais longe.

Só quando chega o tempo de Sérgio estudar no Maranhão, Nelson viaja com o irmão até Oeiras, onde pretende ficar para tentar exercer a profissão. No entanto, nem a decisão de regressar para Oeiras foi iniciativa de Nelson, e mesmo não sendo determinação de D. Sinhá, o narrador deixa claro que ela consentiu: “Nelson pensava em Rosa. Dificilmente tomara a medida de voltar para Oeiras, na tentativa de exercer a profissão. Convencera-se pelo pai e pelo sogro. D. Sinhá agiu compreensiva.” (EXPEDITO RÊGO, 1990, p.49).

De volta a Oeiras, desejoso de exercer a profissão na “ex-capital cada vez mais decadente” (EXPEDITO RÊGO, 1990, p.12), Nelson encontra as dificuldades, já descritas, de uma cidade em declínio: hospital abandonado; a ideia do consultório não vingou porque as pessoas estavam acostumadas às consultas domiciliares; as mulheres grávidas preferiam as parteiras - “sentiam vergonha de parir na presença de um médico. Com dificuldade conseguia fazer um toque. Só o medo de morrer fazia uma senhora da sociedade submeter-se a tamanho vexame.” (EXPEDITO RÊGO, 1990, p. 20). E assim, o médico continuou atendendo os que não podiam pagar e, portanto, dependente da família para sobreviver.

Os pobres e indigentes souberam da volta do médico ao Barreiro e recomeçaram as queixas: febres e feridas bravas, achaques de sempre. Nelson atendia-os de boa vontade, dava-lhes os remédios por ele preparados, fornecia-lhes comida e mandou consertar um velho galpão de desmancha da mandioca, a fim de alojar os mais necessitados. [...]

A prima Raquel veio com os pais, Manoel e D. Cleonice, ver o parente e oferecer-lhe préstimos. (EXPEDITO RÊGO, 1990, p. 52).

Observa-se que em Oeiras Nelson não encontrou ambiente propício ao exercício da profissão. O destaque que a personagem ganha no enredo a partir daí, diz respeito ao relacionamento extraconjugal que manteve com a prima Raquel; fato que segundo a personagem não consistia em nenhum pecado e foi o que de melhor lhe aconteceu na vida: “- [...] Quanto a nosso amor, já te disse, não posso, de modo algum, considerá-lo um pecado. Nosso amor só nos trouxe o bem, nada mais lindo aconteceu em minha vida.”. (EXPEDITO RÊGO, 1990, p. 167). Nelson diz isso para Raquel quando ele está muito doente, às vésperas da morte, e ela tenta convencê-lo a se confessar para pedir absolvição pelo pecado de terem mantido um relacionamento teoricamente adúltero, sobre o qual não se entrará em detalhes, nesta pesquisa, para não alongar a descrição. Interessa aqui, dizer que ao se descobrir apaixonado por Raquel,

Nelson, a princípio, hesitou por temer as convenções sociais e ser incapaz de pedir o divórcio à família de Rosa.

– Aquieta, coração! – pensava o Nelson. Aventura extraconjugal em Oeiras estava fora de possibilidade. E logo com a prima Raquel! Ainda que ela fosse louca o bastante para consentir, ele não teria coragem. Melhor abandonar os sonhos vãos. A parenta, moça ajuizada, jamais praticaria tal despropósito. O aperto de mão fora casual. Ele realizava falsas interpretações. (EXPEDITO RÊGO, 1990, p. 54).

No desenvolver do enredo, percebe-se que Raquel também se apaixonara e eles mantiveram um relacionamento amoroso fora dos padrões da sociedade da época, no entanto o que parece subversão é apenas mais uma expressão de fracasso amarrado na trama narrativa. Nelson nunca teve coragem de enfrentar a família e pedir o divórcio ou de fugir com Raquel como ela sugerira; ele garantiu que se ela engravidasse, eles fugiriam para o Rio de Janeiro. “Raquel via-se aliviada e ao mesmo tempo frustrada pela ausência de gravidez. Pensou em esterilidade. As regras apareciam certa, mensais.” (EXPEDITO RÊGO, 1990, p. 96).

Com essa suposta esterilidade de Raquel, o enredo mantém-se coerente quanto à representação de decadência e de fracasso da personagem Nelson, pois embora tenha se permitido viver um relacionamento com outra pessoa, fora dos padrões, sempre o fez de forma escondida. Nelson foi incapaz de subverter o sistema patriarcalista, encará-lo de frente e assumir perante a sociedade o que sentia por Raquel. Na narrativa inteira, Nelson se mostra uma personagem de ideias inovadoras, mas a quem falta coragem para agir. Ele amou outra mulher, mas foi incapaz de divorciar-se da espessa enlouquecida e construir uma nova história como Raquel desejava. Ele teve a oportunidade de viver no Rio de Janeiro, porém regressou a Oeiras.

Oeiras cochilava às margens do riacho benfazejo, a vida prosseguia. Nelson viajou ao Rio de Janeiro, encontrou ambiente de trabalho, caso quisesse morar na grande cidade. Faltava-lhe coragem para deixar a mulher louca e Raquel a quem mais amava com o correr do tempo. A irregularidade do relacionamento amoroso dos dois contribuía por certo para estreitar os laços de união. Casados, o tédio talvez apagasse um pouco a chama inicial. O gosto de aventura lhe aumentava o prazer. Encontravam-se na casa de Raquel, entre sustos e abraços, no início das noites. (EXPEDITO RÊGO, 1990, p. 113).

Pode-se, pois, conjecturar que o narrador refere-se à decadência da cidade de Oeiras para demonstrar a decadência do ser ou desta para se referir àquela. A condição de declínio econômico e político da cidade reflete diretamente na decadência social e moral da personagem, e não só de Nelson, mas também de Raquel, que termina por se conformar em viver amores furtivos com o primo que não consegue se separar da prima demente. Nelson não teve coragem de manter-se afastado do espaço limitado Oeiras – Malhadinha/Malhadinha – Oeiras, e nisso absorveu e viveu o marasmo da cidade. Sem dizer diretamente que para ter progresso era necessário sair daquele espaço social, o narrador elucida isso, em momentos rápidos, na narrativa quando cita um casal que foi morar no Maranhão e prosperou:

Tratava-se da família de Francisco Macedo, primo de D. Maria Ferreira, saído de Oeiras bem novo, logo após a mudança da capital, para cavar a vida no Maranhão onde se casara e tinha seis filhos, dois rapazes e quatro moças. Meteu-se no comércio e prosperou. Habitava chácara confortável. (EXPEDITO RÊGO, 1990, p. 56)

Outro exemplo é o de Sérgio, irmão de Nelson, que apesar de ter tido a vida amorosa frustrada porque a noiva Marcela morrera na juventude, seguiu carreira como padre, tinha outras ambições (jornalismo), ingressou na política e não quis, se quer, exercer a missão religiosa em Oeiras.

Além de demonstrar raros casos de pessoas que se deram bem fora da cidade de Oeiras, o narrador diz expressamente sobre Nelson.

Em Oeiras, Nelson desaprendia a medicina da faculdade, sem ensejo do emprego de conhecimentos. Exames em indigentes pela manhã e raros chamados no decorrer do dia. Ganhava pouco das consultas de parentes ou amigos. Vivia das rendas da Malhadinha, Pedro remetia-lhe boa parte da venda do gado macho. Gastava horas no Barreiro, lendo, tedioso, ou no jogo e na bebida na casa do Benedito Miúdo. Raquel ouviu uma feita de D. Cleonice que Nelson fora ruim marido para Rosa, no minguado tempo de convivência. D. Sinhá conhecia os fatos. Chegava ao lar de madrugada, alcoolizado, ainda no final da gravidez da mulher com quem se casou para não desgostar os pais e os tios. Continuava bebendo e jogando do mesmo jeito. Talvez a vida dissoluta fosse consequência de morar em Oeiras. Num meio maior, no exercício intenso da medicina, na companhia de colegas estudiosos e membros de sociedades científicas, ou em cargo público de destaque, mudaria. O paradeiro da velha Oeiras decadente o empurrava a caminhos incorretos. (EXPEDITO RÊGO, 1990, p.127).

Fica, pois, evidenciado que em vários momentos da narrativa de *Malhadinha*, de forma explícita e implícita, o narrador aponta para o declínio da cidade e da fazenda tal qual assinala a decaída do ser. Vê-se nesta última citação que o narrador não é totalmente imparcial ao narrar o insucesso de Nelson, ele praticamente conduz o leitor a aceitar a ideia de que Nelson teria vida melhor caso não tivesse permanecido na cidade de Oeiras. Diferenciando o histórico do ficcional, Costa Lima (2010) diz que:

Pode se revestir o relato das cores mais realistas, ou seja, torná-lo o mais possível próximo do que o leitor comum reconhecerá como “realidade”, sem que deixe de haver em sua base a mesma cláusula do “como se”. Isso não deixa de se dar mesmo que a base do relato seja algo de fato sucedido. O romance será o gênero por excelência da modernidade por ser aquele que melhor admite esse trânsito entre situações de alta probabilidade cotidiana e puramente fantásticas ou maravilhosas. (COSTA LIMA, 2010, p. 145).

Nesse sentido, acredita-se que, ao referir-se a fatos históricos como a transferência da capital de Oeiras para Teresina, o texto diz algo mais do que a simples ilustração desse fato. No

enredo, ele desponta como pano de fundo para se falar da decadência da cidade e conseqüente do abatimento dos seres. Compreende-se com Costa Lima (2014, p.53) que “[A] verossimilhança é um fenômeno de conseqüências ambíguas”. Nesse sentido, defende-se a ideia de que associar a decadência da cidade, espaço físico, à decadência dos seres sob a cláusula do “como se”, ou seja, da ficção, é uma maneira de refletir sobre uma questão maior que está por trás dessas representações: a decadência, porém não a morte, do próprio sistema social que orienta aquela sociedade.

O narrador na citação acima insinua hipoteticamente (“*Talvez* a vida dissoluta fosse conseqüência de morar em Oeiras”) que a decaída de Nelson é fruto da cidade decadente em que vive. Entretanto, em outros excertos, demonstrou-se que Nelson teve oportunidade de sair e tentar carreira promissora no Rio, e que na verdade lhe faltou coragem para encarar a família e tomar decisão.

Quer dizer, com “o talvez”, o narrador insinua, mas não se compromete totalmente com a ideia de que a vida dissoluta de Nelson é resultado de morar em Oeiras. Acredita-se que essa postura do narrador se deve ao fato de não ser a questão do espaço físico em si que afeta negativamente a vida da personagem, mas o sistema que rege a sociedade naquele contexto; romper com a gama de costumes, valores, posturas, condutas, culturas implantados por um sistema não é algo que se consiga de maneira fácil e individualmente ou apenas mudando de espaço físico. Assim, a não prosperidade e/ou o declínio da personagem Nelson é um traço de verossimilhança, entre texto e contexto de enunciação, próprio da *mimesis* da representação sob a qual se constrói o romance *Malhadinha*.

3 Conclusão

Neste estudo, dedicado à investigação das ações (ou não) da personagem Nelson do romance *Malhadinha*, de José Expedito Rêgo, pode-se evidenciar que essa “pessoa” do romance (no dizer de Forster) enxerga e discorda das convenções sociais do mundo em que vive, no entanto está sempre evitando divergir diretamente daqueles que alimentam a conjuntura patriarcalista da sociedade em que vive. Nelson teria condições, dado o conhecimento cultural que ele acumulou, de ser uma personagem ativa frente a manifestações contra o sistema social e político de seu tempo, inclusive, por ser homem – e geralmente o homem tem o poder do patriarca - ele teria muito mais força de expressão do que as personagens femininas naquele ambiente.

Acredita-se que isso não acontece porque, através da personagem Nelson, o interesse do romance é representar a relação entre o estado de decadência do espaço social e o declínio moral e abatimento do ser. Nelson representa verossimilmente a falta de perspectiva e apatia que toma conta dos seres que vivem naquela sociedade, obedientes ao sistema ainda que insatisfatoriamente.

Rosenfeld (2011, p. 35) afirma que: “a ficção é o único lugar – em termos epistemológicos – em que os seres humanos se tornam transparentes à nossa visão, por se tratar de seres

puramente intencionais [...]”. Observa-se que embora Nelson não expresse o que gostaria, o narrador dá a conhecer seus pensamentos e justifica sua falta de coragem para pronunciar o que verdadeiramente acredita. O mesmo Rosenfeld (2011, p. 45) diz que na obra literária ficcional encontram-se “seres humanos de contornos definidos e definitivos, [...] integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em nome desses valores.

Dessa forma, defende-se a ideia de que as atitudes ou falta de atitudes de Nelson estão na narrativa de *Malhadinha* em nome do sistema de valores patriarcais e religiosos que ele absorveu e que o faz obediente mesmo quando já não concorda mais com eles. É válido salientar que a obediência de Nelson a esse sistema de valores é apenas aparente: visto que para a família ele mantém-se fiel ao compromisso com Rosa, mas secretamente investe numa relação de amor extraconjugal com Raquel. Quer dizer, em nome do respeito ao compromisso com uma família (seus tios - pais de Rosa), ironicamente acaba por ofender a moral de outra, também sua família (os tios - pais de Raquel). Portando, sendo ‘a personagem transparente porque intencional’, a degradação moral de Nelson, que embora não seja discutida no enredo, pois é velada naquele mundo, é apresentada ao leitor como marca indiscutível da representação irônica de decadência traçada em diferentes tons nesta narrativa de José Expedito Rêgo.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.
- CANDIDO, Antonio et. al. *A Personagem de Ficção*. 12.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.
- COSTA LIMA, Luiz. *Vida e Mimesis*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- COSTA LIMA, Luiz. Mimesis e Modernidade (entrevista concedida a Ana Lúcia de Oliveira/UERJ). In: BASTOS, Dau. *Luiz Costa Lima: uma obra em questão*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- COSTA LIMA, Luiz. *Mimesis: desafio ao pensamento*. 2.ed. rev. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2014.
- EXPEDITO RÊGO, José. *Malhadinha*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1990.
- FORSTER, Edward Morgan. *Aspectos do Romance*. Tradução de Maria Helena Martins. 2. ed. São Paulo: Globo, 1998.
- GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- ROSENFELD, Anatol. Literatura e Personagem. In: CANDIDO, Antonio et. Al. *A personagem de ficção*. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.



BRAGA TEPE